

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA NA PREVENÇÃO E TRATAMENTO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DO IDOSO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Karina Ingredy Leite da Silva
Graduanda em Psicopedagogia- UFPB
kilsingridy@hotmail.com

Sidcley Horácio Galdino
Graduanda em Psicopedagogia- UFPB
sidcleyhg@hotmail.com

Tânia Lúcia Amorim Colella
Professora Assistente- UFPB
colellatania@hotmail.com

Resumo

Conhecer e lidar com o comportamento cognitivo do ser na terceira idade, em processo de alfabetização, é uma missão psicopedagógica que, se bem desenvolvida, promove a facilitação e sucesso na aprendizagem. A pesquisa **objetivou** conhecer possibilidades psicopedagógicas para superação das dificuldades de aprendizagem surgidas durante o processo de alfabetização dos idosos. Esse estudo percorreu o caminho metodológico de revisão bibliográfica em que foram consultados livros e artigos publicados em periódicos indexados na base de dados da Scielo utilizando os seguintes descritores: psicopedagogia, aprendizagem e alfabetização de idosos. Conhecendo o desenvolvimento cognitivo e como se dá o processo de aprendizagem no envelhecimento constata-se que a Psicopedagogia pode oferecer valiosas contribuições fazendo intervenções na preparação de docentes para elaboração de métodos adequados ao atendimento das necessidades desses aprendentes. Com isso, **conclui-se** que o psicopedagogo tem papel fundamental no processo de alfabetização de idosos por ter a possibilidade de apontar estratégias capazes de potencializar o ensino-aprendizagem, proporcionando aprendizagem significativa e exitosa na alfabetização e nos estágios escolares seguintes dos idosos.

PALAVRAS-CHAVE: Psicopedagogia. Aprendizagem. Alfabetização de idosos.

1. Introdução

O presente trabalho trás considerações importantes sobre aspectos voltados para a cognição do sujeito aprendente em processo de alfabetização na terceira idade, mesmo sendo esta considerada a ultima fase do desenvolvimento humano, estudos revelam a capacidade/potencial existente nas pessoas que compõe esse estágio, comprovando que se estimulados adequadamente estes indivíduos tornam-se aptos a adquirir novos conhecimentos sejam eles pedagógicos, tecnológicos e culturais e dentre outros quebrando o estigma da incapacidade e o sentimento de inutilidade.

Levando em consideração a situação atual em que se encontra a população brasileira que compõe a referida faixa etária e o descaso sofrido por estes, em especifico no que diz respeito as suas capacidades e a falta de espaços e meios propícios para a promoção e aquisição de novos conhecimentos, surgiu o interesse em estudar possíveis contribuições para promover melhorias/eficácia no processo de alfabetização destes indivíduos assim como auxiliar nas supostas problemáticas que possam surgir durante o aperfeiçoamento pedagógico da pessoa idosa.

Com dados apresentados em diversos estudos fica evidenciada a falta de qualificação dos profissionais da educação no que diz respeito à alfabetização de idosos, assim como criação de políticas publicas eficazes que ofereça de modo consistente aporte para a realização de uma alfabetização de qualidade e incentivadora, prevenindo a evasão escolar deste perfil de aprendente que se apresenta de maneira acentuada, assim como promover métodos precisos levando em consideração limitações naturalmente existentes – principalmente orgânicas – no idoso.

Para a realização desse trabalho foi de grande significado a ajuda de leituras como Consenza 2011, que contribuiu com os conhecimentos em neurociência e educação. Assim como os conhecimentos de Papalia 2010 e Berges 2012, sobre o desenvolvimento humano, que trazem os aspectos do desenvolvimento cerebral, cognitivo e psicossocial. Freitas 2011, que tem como foco a geriatria e gerontologia, trazendo suporte para a longevidade, educação, saúde e bem estar dessa população, fazendo com que reflitamos sobre a educação e em especifico alfabetização dos idosos, como por exemplo, como se da a aquisição da aprendizagem no cérebro em envelhecimento e quais métodos de ajuda podemos disponibilizar para a permanência e precisão da educação nessa idade.

Diante do exposto, objetivou-se identificar estratégias/meios de intervir psicopedagogicamente para superação das dificuldades de aprendizagem existente durante o

processo de aquisição de novos conhecimentos, trazendo uma reflexão acerca dos processos cognitivos e como estes acontecem nestes indivíduos, destacando funções cognitivas a exemplo da atenção, descrito sucintamente como ocorre neurologicamente, e os tipos de atenção mais afetadas e privilegiadas nos idosos. Será também apresentada uma explanação sobre as funções executivas nos idosos que é de extrema importância para a aprendizagem e convívio em grupo. No que diz respeito à memória será apresentado informes como, a distinção e funcionamento das memórias de curto e longo prazo e como ocorre o funcionamento e armazenamento das informações no cérebro envelhecido. Buscamos compreender questões relativas às capacidades cognitivas, autonomia, independência e as dificuldades enfrentadas pelos idosos, observando desde questões orgânicas até limitações socioculturais, relacionadas à alfabetização do idoso e identificando possibilidades de ajuda psicopedagógica ao processo de aprendizagem desses seres aprendentes.

2. Fundamentação teórica

2.1. Compreendendo o desenvolvimento cognitivo do idoso.

É comprovado que desde a meia-idade o envelhecimento pode acarretar um declínio normal na cognição, mas que predomina mais na idade avançada, causado por diversos fatores de diferentes aspectos. Segundo Freitas (2011, p.1461) existe forte variabilidade interindividual e intraindividual em relação ao domínio da cognição que declina no envelhecimento. Sabe-se também que os processos genético-biológicos e os de natureza socioculturais influenciam o envelhecimento cognitivo normal. Os processos genético-biológicos determinam declínios no funcionamento sensorial e diminuição na velocidade de processamento da informação, ambos associados a alterações neurológicas típicas do envelhecimento (Freitas, 2011, p. 1461). Já as influências socioculturais delimitam o desenvolvimento e maturação das capacidades oriundas das experiências, que pode vir a compensar as perdas acarretadas pelo envelhecimento biológico. Anos de experiência e conhecimentos acumulados, juntos a sabedoria, pode ajudar os idosos a enfrentarem os desafios intelectuais que surgem nessa etapa da vida.

Ao estudar o desenvolvimento cognitivo toma-se importante conhecer o modelo de inteligência fluida e inteligência cristalizada. Segundo Papalia (2010), a mecânica cognitiva está intimamente ligada a condições biológicas, entre as quais as condições neurofisiológicas do cérebro e as condições ontogenéticas graduadas por idade- maturação na infância, estabilidade na vida adulta e declínio na velhice. A inteligência fluida ou mecânica cognitiva

faz reflexão às características de organização do sistema nervoso central e é firmada pela exatidão, velocidade e coordenação das operações elementares de processamento da informação: recepção de estímulos, memória sensorial e motora, discriminação, categorização, atenção seletiva e capacidade de raciocínio. Estas habilidades tendem a declinar com a idade. De acordo com Freitas (2011, p. 1463):

A inteligência cristalizada, ou pragmática cognitiva, revela o poder da agência humana e da cultura, que gerenciam os processos de socialização. É exemplificada pelas habilidades de leitura e escrita, pelas qualificações educacionais e profissionais, pela capacidade de resolver problemas na vida cotidiana, pelo conhecimento do *self*, pelo planejamento e pelo o manejo da vida, e pelo conhecimento sobre questões existenciais. Tende a permanecer estável ou apresentar declínio mínimo na velhice, naturalmente, se as condições da inteligência fluida se mantiverem, se não ocorrerem doenças neurológicas ou cardiovasculares graves, se as pessoas continuarem intelectualmente ativas e se indivíduos e culturas fizerem esforços de compensar os déficits cognitivos mediante recursos educacionais e tecnológicos.

O envelhecimento intelectual é complexo, trazendo ganhos e perdas. Pessoas de outros grupos de idade são superadas por outras na velhice inicial em categorias de inteligência emocional e sabedoria, algumas capacidades cognitivas são mantidas na velhice, entre elas as habilidades comunicativas, o conhecimento semântico, a atenção sustentada e as informações autobiográficas. No entanto, pesquisas mostram que na velhice avançada ocorre uma inclinação significativa no potencial intelectual, na atenção seletiva, à nomeação de objetos, à memória episódica e operacional, à aprendizagem de novas informações, ao raciocínio abstrato, a velocidade do processamento de informações e a fluência verbal.

O declínio cognitivo pode ser gerado por diversos fatores, dentre eles, o próprio envelhecimento. A literatura indica que esses declínios são significativos em funções cognitivas como atenção, memória e funções executivas.

2.2. Principais Funções cognitivas afetadas

2.2.1. Atenção

O cérebro apesar de ser composto por inúmeras células interligadas por trilhares de sinapses, não tem a habilidade de explorar tudo ao mesmo tempo, assim podemos conscientemente focar a atenção a determinados estímulos enquanto desconsideramos outros.

O nível de vigilância e de alerta são aspectos do funcionamento cerebral imprescindíveis à atenção. Segundo Consenza (2011, p.43), é necessário um nível adequado de vigilância para que o cérebro possa manipular a atenção, focando a consciência em diferentes modalidades sensoriais, em eventos ou objetos notáveis ou, mais ainda, em alguma

característica especial que for julgada importante. O sistema funcional responsável pela regulação dos níveis de vigiância no cérebro é *locus ceruleus*, localizado no mesencéfalo.

Existem três níveis de atenção: atenção sustentada, atenção seletiva e atenção dividida. A atenção sustentada é a capacidade que o indivíduo tem de manter o foco em uma só informação. A seletiva é a habilidade de selecionar um tipo de estímulo, mediante a exclusão de outros. A atenção dividida é observada quando duas tarefas são realizadas simultaneamente ou quando duas fontes de informação concorrentes são selecionadas como relevantes para o processamento, por exemplo, quando tentamos seguir duas conversas paralelas (Freitas, 2011, p.1487).

A atenção é uma habilidade bastante sensível ao processo de envelhecimento (Freitas, 2011, p.1487). Estudos mostram que idosos além de apresentarem dificuldade para manter o foco em um só estímulo, também têm complicação em inibir o processamento de estímulos irrelevantes, sendo menos eficazes em relação aos jovens, em atividades usando atenção seletiva. Na atenção dividida eles apresentam prejuízo ainda maior, já que uma segunda tarefa foi adicionada.

2.2.2. Funções executivas.

O termo funções executivas (FE) designa os processos cognitivos de controle e integração destinados à execução de um comportamento dirigido a objetivos, necessitando de subcomponentes como atenção, programação e planejamento de sequências, inibição de processos e informações concorrentes e monitoramento. O lobo frontal, particularmente a região pré-frontal, tem sido relacionado com essas funções (Kristensen, 2006).

É por meio das funções executivas que arranjamos nossos pensamentos, e formulamos expectativas futuras, além disso, elas asseguram que as normas sociais sejam consideradas, e que os comportamentos sejam apropriados para determinadas situações. De acordo com Conzensa,(2011, p. 87), as funções executivas possibilitam nossa interação com o mundo frente as mais diversas situações que encontramos.

No envelhecimento, as funções executivas tendem a estar prejudicadas. No envelhecimento normal, as alterações executivas ocorrem de modo gradual e lento até os 60 anos, acelerando-se a partir dos 70 anos. Estudos apontam para uma perda significativas nos desempenhos executivos no que se refere a memória de trabalho, a velocidade de processamento das informações e na organização visuoespacial, sendo a velocidade de

processamento da informação a mais prejudicada, ou seja, os idosos mais velhos necessitam de mais tempo para desempenhar algumas tarefas .

2.2.3. Memória.

Consenza (2011, p: 51), diz que:

A impressão inicial quando pensamos em memória é a de que se trata de um fenômeno unitário, responsável por nossas lembranças conscientes. Na realidade, existem diferentes tipos de memória que comportam subdivisões, das quais se encarregam sistemas e estruturas cerebrais diferentes.

Esses sistemas são tradicionalmente classificados em memória de curto prazo ou memória de longo prazo. Que se subdividem para explicar melhor o funcionamento da nossa memória. Segundo (Freitas, 2011, p.1489) “a memória operacional refere-se ao arquivamento temporário e a manipulação da informação necessária para o desempenho de uma diversidade de tarefas cognitivas, dentre elas, cálculos aritméticos, raciocínio, leitura, conversação e planejamento”. A memória operacional assim como a imediata (que compreende na manutenção da informação em um curto espaço de tempo sem que haja processamento) fazem parte da memória de curto prazo.

Ainda de acordo Freitas (2011, p.1489):

A memória de longa duração envolve alterações profundas e permanentes na estrutura das conexões sinápticas, dividindo-se em subsistemas diferentes: memória explícita e memória implícita (ou memória de processamentos).

Ativamos a memória implícita quando nos lembramos sem que tenhamos consciência. A memória explícita constituída por conhecimentos adquiridos, lembrados e utilizados conscientemente, e é subdividida em episódica (lembranças que temos da nossa vida pessoal) e semântica (lembranças que temos dos processos e coisas que nos rodeiam). A memória explícita se distingue por duas formas de armazenamento sendo a transitória e a permanente.

Os lapsos de memórias são as queixas mais evidentes das pessoas idosas, sendo que experiência e conhecimentos acumulados são seus recursos mais fortes. Os indivíduos mais velhos tem especial dificuldade de armazenar diversos itens de novas informações na mente enquanto os analisam de maneiras complexas, principalmente quando aparece material que desvie sua atenção (Berger, 2012, p.418). Estudos mostram que a memória de curto prazo é a memória que mais declina com o envelhecimento.

Quando solicitamos a grupos de jovens e idosos a recordação de informações guardadas a longo tempo, os jovens se saem melhor. A memória implícita dos idosos é muito menos vulnerável do que a explícita, já que depois que um conhecimento é bem aprendido,

ele se torna automático, rotineiro. É mais falho o sistema de memória quando se fala em resgate tardio em tarefas de memórias episódicas, sendo associado um risco maior de conversão para demência.

2.3. Alfabetização de idosos

O número de idosos está aumentando significativamente no Brasil, e esses idosos passam a fazer parte de um novo cenário. Os aspectos negativos do envelhecimento estão sendo substituídos por uma busca de novas alternativas de inserção social, atividades e oportunidades de aprendizagem. Adequar à alfabetização a terceira idade é uma missão desafiadora, porém de extrema importância por proporcionar às pessoas que se encontram na situação de analfabetismo o desenvolvimento de habilidades e capacidades cognitivas. Para Freitas (2011, p.1641), justifica-se a reflexão sobre o processo educacional em face do envelhecimento e da velhice, uma vez que educar compreende também emancipar, isto é, afastar os limites e inventar novas mediações para a manifestação do desenvolvimento.

A prática do dia-a-dia das classes de alfabetização de jovens e adultos devem assegurar oportunidades de alfabetização a essas pessoas que, por algum motivo, não tiveram a chance de estudar na idade escolar, sem deixar de respeitar à realidade do aluno que traz para a escola uma experiência de vida. Oliveira (2002, p. 41) diz que:

A escola voltada à educação de jovens e adultos, portanto, é ao mesmo tempo um local de confronto de culturas (cujo maior efeito é, muitas vezes, uma espécie de “domesticação” dos membros dos grupos pouco ou não escolarizados, no sentido de conformá-los a um padrão dominante de funcionamento intelectual) e, como qualquer situação de interação social, um local de encontro de singularidades.

2.4. Alfabetização de idosos: contribuições Psicopedagógicas.

A Psicopedagogia é uma área do conhecimento que surgiu para compreender questões relacionadas ao processo de aprendizagem humana, ou seja, na compreensão do desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e social, implícitas nas condições de aprendizagem, tendo como objetivo construir uma relação saudável entre o ser aprendente e o conhecimento, de modo que facilite a construção da aprendizagem. Segundo Bossa (1994), o objeto central de estudo da Psicopedagogia está se estruturando em torno do processo de aprendizagem humana: seus padrões evolutivos normais e patológicos, bem como a influência do meio (família, escola, sociedade) no seu desenvolvimento.

O papel do psicopedagogo é detectar problemas de aprendizagem e intervir diante deles, prevenindo o aluno de tais problemas, evitando assim, que surjam outros. Há dois tipos de intervenção: a curativa e a preventiva. Segundo Bossa (1994, p. 13), no exercício preventivo, pode-se falar em três níveis de prevenção:

No primeiro nível, o psicopedagogo atua no sentido de diminuir a frequência dos problemas de aprendizagem. Seu trabalho recai nas questões didático-metodológicas, bem como na formação e orientação de professores, além de fazer aconselhamento aos pais. No segundo nível, o objetivo é diminuir e tratar dos problemas de aprendizagem já instalados, a partir das quais se procura avaliar os currículos com os professores para que não se repitam tais transtornos. No terceiro nível, o objetivo é eliminar os transtornos já instalados, num procedimento clínico com todas as suas implicações. O caráter preventivo permanece aí, uma vez que, ao eliminarmos um transtorno, estamos prevenindo o aparecimento de outros.

Como a psicopedagogia esta voltada a aprendizagem humana em diferentes estágios da vida, ela também se volta ao estudo da aprendizagem do idoso. O psicopedagogia faz a ligação entre a construção do conhecimento e o idoso, buscando sanar os possíveis problemas de aprendizagem e facilitando sempre o convívio entre o grupo (sala de aula). É papel do psicopedagogo proporcionar uma educação gerontológica, intervindo junto ao projeto educativo, visando trazer o saber relacionado com a experiência do aprendiz, para que ele reconheça o mundo sem deixar de respeitá-lo e respeitar os outros, e para que eles sejam protagonistas do processo educacional. Para Freitas (2011, p.1653) os princípios propostos pela educação gerontológica é:

Deixar que a velhice tome lugar em suas preocupações para não incorrer no erro histórico da educação como instrumento da reprodução dos interesses do sistema político e econômico e não na vida em toda a sua extensão. Convida-se também o educador a aplicar os exercícios pedagógicos em torno dos produtos culturais e sociais e, dessa forma, melhorar a *performance* das disposições educacionais, melhorando-se o perfil da liberdade na velhice. Entendemos que os relacionamentos múltiplos e as conexões criadas nas redes sociais permitem que o sujeito idoso vivencie, em um processo bidirecional e dialógico, sua condição ativa de ator do processo de comunicação, interação e formação.

3. Discussões

Tendo os aspectos cognitivos e o processo de aprendizagem, e como tais aspectos se manifestam nos indivíduos que se encontram na terceira idade como eixo de discussão apresentada no referente artigo pode-se perceber que uma atenção voltada para esse perfil de sujeito aprendiz se faz necessário. Com base nas consultas bibliográficas, foi reforçada a visão inicial que é identificar se há ou não métodos adequados que incentivem a pessoa idosa

a frequentar o ambiente institucional e se as práticas didáticas levam em consideração as limitações inerentes ao ser em envelhecimento.

A abordagem temática discutida vem confirmar a fragilidade no que se refere a qualidade da educação de jovens e adultos em específico da pessoas idosa que se apresenta de maneira bastante desqualificada isso se deve a falta de investimentos em diferentes áreas que possam vir a contribuir positivamente para as melhorias na qualidade da educação destes profissionais capacitados e estimulados a oferecer um aprendizado com qualidade, com adaptações metodológicas levando em consideração o perfil, respeitando o nível cognitivos destes, que naturalmente são acometidos por perdas.

Levando em consideração que o envelhecimento acarreta um declínio natural na cognição e que as experiências podem vir a compensar as limitações advindas do envelhecimento biológico é recomendável o uso de metodologias que envolva seu contexto e suas experiências. Cabe aos educadores fazer uso dos conhecimentos holísticos trazido por estes alunos e adequá-los a metodologia buscando assim chamar sua atenção (já que esta se encontra como um dos aspectos da cognição mais sensível ao envelhecimento) e promover um aprendizado prazeroso e consistente. Cosenza (2011, p. 48) relata que, terá mais chance de ser significativo aquilo que tenha ligações com o que já é conhecido, que atenda a expectativa ou que seja estimulante e agradável. Como no envelhecimento as funções executivas se prejudicam também, sendo que, a mais afetada é a velocidade de processamento da informação, os educadores além de se preocuparem em manter o foco dos alunos no conteúdo, tem que ter paciência, compreensão e sensibilidade para lidar com o fato de que eles necessitam de mais tempo para executar algumas tarefas.

Em relação aos aspectos que declinam na cognição dos idosos a memória, ou melhor, a falha dela é uma das queixas dos idosos, tendo esta importância significativa para efetivação da aprendizagem. O que na maioria das vezes não se é usado, mas deveria, é o sistema de repetição verbal ou visual e diminuir nos locais de ensino e aprendizagem estímulos que distraia, usando sempre, como já foi falado, em outras palavras, da elaboração que é a comparação com os conteúdos já existentes, para que assim, haja a consolidação que para Cosenza (2011, p.63) é indispensável para que os registros no cérebro sejam retidos por um tempo maior.

No tocante as dificuldades apresentadas durante o processo de alfabetização dos idosos pode-se perceber que não pode haver mais esse despreparo, ou seja, falta de conhecimentos por parte dos professores comprometendo drasticamente o processo de

alfabetização destes indivíduos, se faz necessário um acompanhamento psicopedagógico institucional propondo um direcionamento adequado aos docentes para que estes possam desenvolver um trabalho pedagógico diretivo, objetivo e proveitoso buscando sanar/prevenir as possíveis dificuldades/deficiências existentes no processo de alfabetização. Tendo o profissional da psicopedagogia a responsabilidade de atuar como agente auxiliador no processo de aquisição do conhecimento, este irá oferecer meios coerentes para que os aprendentes idosos possam adquirir novos conhecimentos através da superação de problemas (advindo de diferentes agentes etiológicos) que venham a interferir de modo direto ou indireto no referido processo.

4. Considerações finais

Com a produção deste estudo foi possível entender de maneira aprofundada sobre os aspectos relevantes no tocante ao processo cognitivo da pessoa idosa, suas limitações e as diversas possibilidades de inserção destes em diferentes contextos em específico no que diz respeito ao ambiente pedagógico em que a pessoa idosa analfabética irá adquirir além de conhecimentos, a autonomia e a independência que resultará consequentemente em melhoria da autoestima e qualidade de vida oferecendo subsídios para que possam viver e conviver em diferentes ambientes (famílias, social e escolar etc.) usufruindo dos conhecimentos adquiridos em sala de aula.

O que dificultou a realização da pesquisa foi o limitado número de publicações científicas abordando a temática, o que demonstrou pouco interesse por parte de estudiosos. Tendo em vista as capacidades cognitivas preservadas na pessoa idosa, e as sanar suas limitação, se faz necessário mais estudos, buscando oferecer meios/subsídios para promover melhorias na qualidade de vida dessas pessoas.

A saída será preparar as escolas para acolher essa população. Com isso, o psicopedagogo encontrará estratégias para precisão do ensino-aprendizagem, compreendendo o desenvolvimento cognitivo desses, e assim, instruir o educador, adaptando o seu currículo, com o intuito de fazê-lo conhecer e afastar as limitações, e investigar meios para o seu desenvolvimento, trazendo sempre a realidade, cultura e contexto do indivíduo para associar aos conteúdos pedagógicos fazendo com que haja a aprendizagem de sucesso na alfabetização e nos estágios escolares seguintes dos idosos.

5. Referencias

BERGES, Kathleen Stassen. O desenvolvimento da pessoa: do nascimento a terceira idade. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

BOSSA, Nádía. A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

COSENZA, Ramom M. Neurociência e educação: como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FREITAS, Elizabete Viana et al. Tratado de geriatria e gerontologia. 3.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

KRISTENSEN, C. H. Funções executivas e envelhecimento In: Cognição e Envelhecimento. 1º ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, v.1, p. 97-111.

OLIVEIRA, K. de O. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In: RIBEIRO, V. M. (Org.) Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

PAPALIA, Diane E. Desenvolvimento humano. Porto Alegre: AMGH, 2010.